

RESISTÊNCIA E PERTENCIMENTO:
REPRESENTAÇÕES DO JUDAÍSMO EM *K.*, DE BY BERNARDO KUCINSKI

Resistance and belonging: Representations of Judaism in K., by Bernardo Kucinski

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-8

Joyce Fernandes*

RESUMO: No romance *K. Relato de uma Busca* (2014), Bernardo Kucinski conta a história de K., um imigrante judeu cuja filha foi “desaparecida” durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), traçando uma linha tênue entre verdade e ficção. Através da análise de aspectos literários da obra, este artigo aborda suas representações do povo judeu e do judaísmo, ressaltando a interseção entre resistência e pertencimento, especialmente em um contexto autoritário. No romance, resistência, além de aparecer como parte fundamental da história dos judeus, estabelece uma conexão entre as personagens do romance e o legado cultural e histórico de uma comunidade judaica global. Nesse sentido, levanta-se o questionamento de como um senso de pertencimento a essa comunidade impacta a busca do pai por sua filha na narrativa de Kucinski.

PALAVRAS-CHAVE: Judaísmo. Literatura brasileira contemporânea. Ditadura civil-militar brasileira. Literatura judaica. Bernardo Kucinski.

ABSTRACT: In the novel *K. Relato de uma Busca* (2014), Bernardo Kucinski tells the story of K., a Jewish immigrant whose daughter was “disappeared” during the civil-military dictatorship in Brazil (1964-1985), drawing a fine line between truth and fiction. Through the analysis of literary aspects of the work, this article addresses its representations of the Jewish people and Judaism, highlighting the intersection between resistance and belonging, especially in an authoritarian context. In the novel, resistance, in addition to appearing as a fundamental part of Jewish history, established a connection between the characters of the novel and the cultural and historical background of a global Jewish community. In this sense, it is questioned how a sense of belonging to this community impacts the father's search for his daughter in Kucinski's narrative.

KEYWORDS: Judaism. Contemporary Brazilian literature. Brazilian military dictatorship. Jewish literature. Bernardo Kucinski.

* Doutoranda em Estudos Portugueses e Brasileiros (Brown University). ORCID: 0000-0002-9414-5600. E-mail: joyce_fernandes(AT)brown.edu

1 Introdução

A nota introdutória do romance *K. Relato de uma Busca*, do escritor Bernardo Kucinski, prepara o leitor a considerar o que há nela de verdade e da importância de que a verdade seja contada. Ao longo do romance, delineia-se uma linha tênue entre realidade e ficção pelas várias vozes que revelam a história da personagem A., desaparecida pelo regime civil-militar brasileiro (1964- 1985) e a tentativa de seu pai K. em descobrir seu paradeiro. A partir de uma memória familiar, portanto, a narrativa conta uma história representativa de um espectro de memórias coletivas da violência e dos tempos difíceis da ditadura civil-militar no Brasil, refletindo sobre um passado que muitos gostariam de esconder ou simplesmente apagar.

Assim como essa personagem, a irmã de Kucinski, Ana Rosa Kucinski Silva, e seu marido foram levados pelas autoridades militares, no dia 22 de abril de 1974, e nunca mais foram vistos. Apesar de todos os esforços da família para descobrir a verdade sobre seu desaparecimento, os militares nunca assumiram total responsabilidade pelo que aconteceu com o casal e diferentes declarações e documentos levaram a cenários inconclusivos sobre suas mortes.

Além de ativista da ALN (Ação Libertadora Nacional), Ana era professora de química na Universidade de São Paulo (USP), de onde ela foi demitida sob a alegação de que havia abandonado o emprego, um erro que foi retificado pela universidade apenas 40 anos mais tarde, embora ninguém tenha sido responsabilizado por ele.

A personagem A. segue a mesma trajetória, contada sobretudo a partir do ponto de vista do pai. K. descobre o desaparecimento de sua filha após algumas semanas sem notícias e então inicia sua busca, primeiramente visitando a universidade onde ela trabalhava e conversando com alguns de seus amigos. Desde o início, K. percebe algo de errado e que sua filha pode estar correndo perigo. Todos parecem relutantes em falar sobre o assunto e quem quer que fale ou tente ajudar parece desaparecer também. Depois de ser enganado e extorquido, K. finalmente reconhece que a filha nunca mais voltará.

A narrativa, ao seguir os passos de K. em busca pela sua filha, expõe seu sentimento de culpa pelo ocorrido, uma vez que sua dedicação à literatura e ao estudo do ídiche o afastou de A.. Mesmo não sendo um homem religioso, a menção ao ídiche é um demonstrativo da relação entre K. e suas raízes judaicas. No entanto, para além dessa representação mais explícita, sua

criação e luta por sobrevivência na Polônia podem ter se refletido no ativismo e resistência de sua filha ao regime militar. Tais representações de identidade e o sentimento de pertencimento à comunidade judaica, assim como os tipos de resistência retratados no romance, são os focos principais deste artigo.

2 Resistência e Pertencimento Judaicos

K. chegou ao Brasil em 1935, deixando para trás sua esposa e filhos, que logo se unem a ele, em uma tentativa de reconstruir suas vidas longe do clima do entre guerras europeu e da perseguição aos judeus. Antes de partir da Polônia, assim como muitos outros jovens judeus, K. lutou contra as injustiças do regime e resistiu intelectualmente e ideologicamente. Sua história é apenas uma dentre os muitos casos recontando a diáspora e resistência judaicas.

A maioria dos imigrantes judeus no Brasil, assim como K., começou como mascate, vendendo bens barganhados ou recebidos de conhecidos e amigos dentro da comunidade judaica, ganhando dinheiro suficiente apenas para sobreviver e restituir suas dívidas. Os negócios, normalmente, prosperavam e com o tempo, eles abriam suas próprias lojas e começavam a ter uma vida melhor (LESSER, 1996; TRUZZI, 1997).

Segundo o historiador Michael Rom, na segunda metade do século XX, os imigrantes judeus já estavam bem estabelecidos, haviam conquistado um estilo de vida que permitia a seus filhos frequentar escolas de alto nível - como o Colégio Aplicação, Dom Pedro II e escolas judaicas privadas - e tornaram-se profissionais em campos como engenharia, direito e medicina (ROM, 2018).

Juntamente com suas histórias pessoais de resistência na Europa e as tradições judaicas, esses imigrantes trouxeram para o Brasil ideais esquerdistas, posteriormente, passadas para as novas gerações. De acordo com Rom, “muitos estudantes judeus brasileiros cresceram em lares esquerdistas, e política se tornou uma extensão natural de suas vidas” (2018, p. 5).¹ Muitos deles seriam os jovens homens e mulheres que se tornariam parte de um novo movimento de resistência contra a ditadura militar no Brasil. A maioria começou participando de clubes clandestinos, publicando jornais estudantis condenando a repressão, e

¹ “many Brazilian Jewish students grew up in leftist households, and politics became a natural extension of their social lives” (ROM, 2018, p. 5).

muitos foram além, aprendendo a atirar, a fazer coquetéis *molotov* e assumindo posições de liderança (ROM, 2018, p. 17).

Embora esses jovens homens e mulheres judeus brasileiros viessem, em sua maioria, de famílias de classe alta e média, sua consciência política e seus “sentimentos de indignação contra as rígidas desigualdades socioeconômicas brasileiras” (ROM, 2018, p. 9) impulsionaram seus desejos de se afastar de suas famílias e viver uma vida dupla, em uma tentativa de fazer a diferença no cenário político da época.²A. segue essa mesma trajetória.

Igualmente relevante tanto na trajetória de K. quanto na de A. é o papel da resistência a regimes autoritários. Quando K. descobre o desaparecimento da filha, ele sonha consigo mesmo ainda jovem, na Polônia, quando os cossacos invadiram a sapataria de seu pai no dia de Tisha B'av, um dia descrito como o dia em que tudo deu errado para os judeus (KUCINSKI, 2013, p. 11). Ao mencionar as dificuldades passadas pelo povo judeu, ele começa a narrar a tragédia familiar atual, misturando a outras tragédias enfrentadas não somente por ele, mas por seu povo. Conforme ele se aprofunda em sua busca através de caminhos perigosos e complexos para encontrar respostas sobre o desaparecimento da filha, “sem perceber, K. retomava hábitos adormecidos da juventude conspiratória na Polônia” (KUCINSKI, 2013, p. 13). Ele compara sua própria história de resistência com o que ele imagina ser a dela.

No âmbito das relações de poder descritas por Foucault, resistências tomam formas plurais, podendo ser

possíveis, necessárias, improváveis; outras são espontâneas, selvagens, solitárias, preocupadas, rampantes, ou violentas; ainda outras são fáceis de se comprometer, interessadas, ou sacrificantes; por definição, elas só podem existir em um campo estratégico de relação de poderes [...] [e] são os termos ímpares nas relações de poder; elas estão inscritas neles como uma oposição irreduzível. Consequentemente, elas estão distribuídas de forma irregular: os pontos, nós, ou focos de resistência estão espalhados no tempo e espaço em densidades variadas, às vezes mobilizando grupos ou indivíduos de uma forma definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. [...] a multidão de pontos de resistência atravessa estratificações sociais e unidades individuais (FOUCAULT, 1978, p. 96).³

² “feelings of indignation at the stark Brazilian socio-economic inequalities” (ROM, p. 9).

³ “possible, necessary, improbable; others are spontaneous, savage, solitary, concerted, rampant, or violent; still others are quick to compromise, interested, or sacrificial; by definition, they can only exist in the strategic field of

A primeira forma de resistência experimentada por K., ainda jovem, foi seu conflito ideológico contra um sistema que oprimia a minoria de judeus, não lhe oferecendo outra saída a não ser criar meios para lutar contra esse sistema. Ao ajudar a fundar um partido sionista de esquerda na Polônia, ele se posicionou contra o regime e a favor de seu próprio povo. Resistir, nesse caso, era uma questão de sobrevivência e de manter a unidade e segurança da minoria judaica no país. Mesmo após ser preso duas vezes, o que poderia acabar com sua luta, ele deixou a resistência política e ideológica para trás somente para integrar uma intelectual e cultural no Brasil, onde ele voltaria a ser membro do mesmo partido político, agora atuando principalmente em atividades culturais relacionadas à recuperação do ídiche (KUCINSKI, 2013, p. 118).

A resistência da filha de K. ao governo opressivo é muito semelhante à que seu pai vivenciou na Polônia. Conforme ele se pergunta sobre as razões para que ela não tivesse compartilhado nada a respeito de seu ativismo político com a família, nem mesmo sobre seu casamento, ele conclui que sob circunstâncias semelhantes durante sua vida clandestina na Polônia, ele também agiu assim, escondido e em segredo (KUCINSKI, 2013, p. 28). Até certo ponto, a tentativa de entendimento das razões de sua filha em resistir ao regime ditatorial o relembrou os passos da tradição familiar de militância política, fazendo-o se sentir mais conectado a ela.

Não obstante, ele ressalta certas diferenças entre os dois sistemas opressivos, principalmente no que tange o tratamento aos prisioneiros. Na Polônia, apesar da extrema violência, os prisioneiros eram registrados e julgados. No Brasil, por outro lado, as pessoas eram simplesmente abduzidas, sem qualquer registro de suas prisões, conforme os critérios próprios da ditadura. Sua conclusão foi de que “sua filha foi tragada por um sistema impenetrável, diferente de tudo o que ele havia conhecido, mesmo na Polônia” (KUCINSKI, 2013, p.23).

A rememoração de aspectos de sua própria vida desempenha um papel crucial em seu entendimento da situação da filha. Uma de suas lembranças mais intensas ocorre subitamente, enquanto ele subia as escadas de mármore em estilo neoclássico do Clube Militar para

power relations [...] [and] are the odd term in relations of power; they are inscribed in the latter as an irreducible opposite. Hence they too are distributed in irregular fashion: the points, knots, or focuses of resistance are spread over time and space at varying densities, at times mobilizing groups or individuals in a definitive way, inflaming certain points of the body, certain moments in life, certain types of behavior. [...] The swarm of points of resistance traverses social stratifications and individual unities (FOUCAULT, 1978, p. 96).

questionar um general corrupto sobre a localização de A. Ele se vê de volta a uma escadaria semelhante em Varsóvia, onde ele espera encontrar respostas sobre a prisão de sua irmã. Tanto as autoridades polonesas quanto as brasileiras mentiram e alegaram que talvez ambas, sua irmã e sua filha, tivessem fugido para outro país com um amante.

Cabe ressaltar que, como Foucault aponta, “poder não é uma instituição, e não é uma estrutura; também não é uma certa força da qual somos dotados; é o nome que alguém atribui a uma situação estratégica complexa em uma sociedade específica [e] [...] onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1978, p. 95).⁴ Portanto, a resistência intelectual de K., representada principalmente por sua produção literária em ídiche, pode ser considerada parte de sua luta no contexto em que vive, como um imigrante judeu, bem como parte de sua luta para manter uma das mais valiosas formas de conectar-se com a identidade judaica. Conforme ele se apega a tudo o que a língua representa para a história e cultura judaicas, ele se mantém parte delas e é representado por elas.

Essa forma de resistência não é totalmente compreendida por K., uma vez que ele questiona sua obsessão pelo ídiche como causa para falta de entendimento do que acontecia no Brasil e, mais especificamente, com sua filha. Ele blasfema contra a língua e a acusa de ser uma língua morta, falada apenas por homens velhos, quase a ponto de concordar com a afirmação de Ben Gurion, ex-primeiro ministro de Israel, de que o ídiche é a língua dos fracos. Ainda assim, o ídiche é certamente a língua que o representa, a língua que ele usa para insultar a todos, para se comunicar com outros judeus que o reconhecem como um famoso escritor em ídiche, a que ele baseia toda sua produção literária, e é também a língua que ele usa quando aborda pessoas da comunidade judaica com quem ele se encontra para buscar informações sobre sua filha.

Nesse sentido, a partir da definição de identidade como uma construção social e simbólica, marcada pela diferença através de símbolos (WOODWARD, 2005), percebe-se que a identidade de K. é construída também pelo seu relacionamento com símbolos judaicos, tais como a história judaica e a língua. Por exemplo, embora K. tenha conseguido escapar do Holocausto ao mudar-se para o Brasil em 1935, ele o menciona muitas vezes ao longo do

⁴ “power is not an institution, and not a structure; neither is it a certain strength we are endowed with; it is the name that one attributes to a complex strategical situation in a particular society [and] [...] where there is power, there is resistance” (FOUCAULT, 1978, p. 95).

romance. Embora ele não tenha memória deste fato, ele é parte relevante da comunidade judaica por ter sido a pior tragédia enfrentada por aquele povo nos tempos modernos. Para K., portanto, aspectos da História surgem como um registro para a unificação do povo judeu sob as mesmas lutas e valores, fundamentando a identidade judaica e diferenciando-a de outros grupos.

No entanto, como Lawrence Grossberg explica, “a questão da identidade é de poder e sua articulação, sua ancoragem, com o organismo da população em si mesma” (1990, p. 99).⁵ Os símbolos de identificação e diferenciação são definidos dentro de uma comunidade, podendo ser a religião, língua, produção artística ou tradições passadas de geração a geração. Ao manter pelo menos um desses símbolos vivos, é possível manter seu status de membro de uma comunidade e seu próprio senso de pertencimento. No caso de K., como um imigrante em um país completamente novo e diverso, que representava o povo judeu ocorreu tanto intencionalmente como não intencionalmente, como seu primeiro trabalho como mascate, por exemplo.

No entanto, “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades” (WOODWARD, 2005, p. 21). Dessa forma, a identidade de K. foi sendo redefinida à medida que ele se tornava um cidadão brasileiro e se adaptava à vida no país. Não mais sentindo a necessidade de participar ativamente em uma luta ideológica e política contra o governo por sentir-se seguro nesse novo ambiente, K. foca em um dos maiores símbolos da identidade judaica, a literatura ídiche. Como explica Zepp:

A autoimagem do judeu pré-moderno mudou de uma religião permeando todas as áreas da vida à novas formas de pertencimento judeu: essa mudança afetou os símbolos de afiliação, em níveis variados em casos de elementos sagrados, e levou os judeus a formular valores universais; conseqüentemente, eles foram além de uma representação estreita de seus próprios interesses. (ZEPP, 2014, p. 12)⁶

⁵ “the question of identity is one of social power and its articulation to, its anchorage in, the body of the population itself” (GROSSBERG, 1990, p. 99).

⁶ The premodern Jewish self-image changed from a religion permeating all areas of life to new forms of Jewish belonging: this change affected the symbols of affiliation, at varying levels in cases of elements of sacredness, and it prompted the Jews to formulate universal values; hence they went beyond a narrow representation of their own interests” (ZEPP, 2014, p. 12).

A autoimagem de K. é contestada muitas vezes ao longo do romance, como se o mesmo símbolo de representação no qual ele tinha escolhido se apoiar a vida toda tivesse sido também o que o cegou para o que era verdadeiramente importante em sua nova vida no Brasil, tornando-se símbolo de sua culpa. De qualquer forma, sua dedicação à língua e à literatura em ídiche lhe fornecem um senso de pertencimento à comunidade judaica, que pode se relacionar ao que Yuval-Davis descreveu como um “anexo emocional” que permite ele se sentir seguro e “em casa” (2006, p. 197). Sentindo-se protegido pela comunidade a qual ele acredita pertencer, ele busca a ajuda das instituições judaicas, tal como dos rabinos (mesmo que ele não os apoie e tenha ódio das instituições religiosas) e do American Jewish Committee, nos Estados Unidos, para descobrir o que aconteceu a sua filha. Para Yuval-Davis,

As pessoas podem “pertencer” de muitas formas diferentes e a muitos objetos de apego diferentes. Esses podem variar de uma pessoa em particular para a totalidade da humanidade, de forma concreta ou abstrata; pertencer pode ser um ato de auto-identificação ou identificação de outros, de uma forma estável, contestada ou efêmera. [...] Construções de pertencimento, no entanto, não podem e não deveriam ser vistas como apenas histórias cognitivas. Elas refletem investimentos emocionais e desejo por apego. (YUVAL-DAVIS, 2006, p. 199-202)⁷

As formas como K. se identifica com a comunidade judaica são concretas já que ele está emocionalmente envolvido com sua produção literária em ídiche e é amplamente conhecido por seu trabalho como escritor. Esse reconhecimento é tanto a motivação como o resultado de seu apego pessoal a essa representação da cultura judaica e de si mesmo como membro daquela comunidade. Essa ligação pode ser descrita pela ideia de comunidades imaginadas, proposta por Benedict Anderson, uma vez que embora a verdadeira Nação Judaica, como um estado físico somente recentemente seja representada e reconhecida através do estado de Israel, muito antes disso, ela existia no imaginário de seus membros. Como Anderson explica, “mesmo os membros da menor nação nunca conhecerão a maioria de seus colegas, encontrá-

⁷ People can ‘belong’ in many different ways and to many different objects of attachments. These can vary from a particular person to the whole of humanity, in a concrete or abstract way; belonging can be an act of self-identification or identification by others, in a stable, contested or transient way. [...] Constructions of belonging, however, cannot and should not be seen as merely cognitive stories. They reflect emotional investments and desire for attachments” (YUVAL-DAVIS, 2006, p. 199-202).

los, ou mesmo ouvir falar deles, ainda assim, nas mentes de cada um vive a imagem de sua comunhão” (ANDERSON, 2006, p. 6).⁸

A Nação Judaica é unida para além do que as fronteiras de um país podem representar, podendo ser definida como uma comunidade porque “a nação é sempre concebida como uma camaradagem profunda, horizontal. Fundamentalmente é a fraternidade que a faz possível” (ANDERSON, 2006, p. 7).⁹ Portanto, os laços que unem a comunidade judaica, em qualquer lugar do mundo são tão fortes que um judeu, que se reconhece como tal, pode sentir-se pertencente a ela, representado e apoiado.

A comunidade judaica imaginada, retratada no romance, no entanto, também possui suas falhas e fronteiras restritas, que definem quem está dentro e quem está fora dela; é também uma questão de a comunidade como um todo estar disposta a permitir que alguém pertença a ela. Pensando nos critérios que permitem o pertencimento a determinada comunidade, ressalta-se que identidades são definidas pela diferença, e aqui também a diferença nas relações de poder é o que diz quem está dentro e quem está fora, considerando que “relações de poder são [...] as condições internas dessas diferenciações” (FOUCAULT, 1978, p. 94) e “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2005, p. 18).¹⁰

Quando K. se lembra dos primeiros rumores sobre o desaparecimento de jovens judeus e o tratamento dado a eles pela comunidade judaica, compreende-se que os limites de pertencimento estavam em suas atividades políticas. O fato de eles estarem envolvidos em atos considerados subversivos os diferenciava e os posicionava fora da comunidade. No romance, este aspecto aparece, por exemplo, no desaparecimento de um judeu de família abastada sem causar qualquer consequência na comunidade judaica porque este fato estaria ligado a questões políticas e não a um antissemitismo. A Federação Israelita, órgão representativo da comunidade judaica, concluiu que o envolvimento de jovens judeus em movimentos contra a ditadura não era de sua alçada e que ela não deveria intervir, já que

⁸ “the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion” (ANDERSON, 2006, p. 6).

⁹ “the nation is always conceived as a deep, horizontal comradeship. Ultimately it is this fraternity that makes it possible” (ANDERSON, 2006, p. 7).

¹⁰ “relations of power are [...] the internal conditions of these differentiations” (FOUCAULT, 1978, p. 94).

homens e mulheres não judeus também haviam desaparecido em razão de suas atividades políticas contra o regime (KUCINSKI, 2013, p. 11).

Baseado no argumento de Foucault de que “não há poder que não seja exercido sem uma série de intenções e objetivos” (1978, p. 95), é possível compreender a posição da comunidade como de autoproteção.¹¹ Temia-se possíveis investigações da polícia secreta em relação à comunidade judaica. O reconhecimento de que comunistas e grupos subversivos não pertenciam àquela sociedade privava-os de qualquer proteção que eles poderiam receber se fossem considerados parte da comunidade.

K. se dá conta por si só da recusa de pessoas importantes na comunidade judaica em ajudá-lo, após pedir ajuda das instituições judaicas e mesmo de um milionário dono de uma rede de televisão no Brasil. Ele procura um rabino para tentar colocar uma *matzeivá* (lápide representativa de um túmulo) para sua filha no cemitério judaico e recebe um longo sermão sobre como seria impossível fazer isso sem um corpo para enterrar, de acordo com as leis do judaísmo. Ele tenta imprimir material sobre sua filha em uma das gráficas do bairro, como normalmente fazia quando precisava de serviços, mas em vez de ser bem recebido, o dono o manda embora e o insulta por trazer material subversivo para sua loja. De todas essas pessoas, K. escuta a mesma pergunta sobre sua filha: “ela não era comunista?” A identidade de K. e seu relacionamento com a comunidade judaica são questionados à medida que ele se pergunta se teria recebido mais apoio caso fosse um Klabin ou um Safra (KUCINSKI, 2013, p. 60), exemplos de duas proeminentes famílias judaicas de São Paulo. Porém, ele conclui que, sob tais circunstâncias, nomes, títulos e dinheiro não ajudariam a ninguém.

A escrita começa a sofrer um grande impacto a partir do reconhecimento dos horrores que sua filha devia ter enfrentado em sua prisão e a possibilidade de que ela já pudesse estar morta, fazendo-o sentir incapaz de transformar essa tragédia em arte. Se, no início do romance, ele culpa sua dedicação ao ídiche como a razão para não ter dado atenção suficiente a sua filha, agora ele culpa a língua por não ter palavras adequadas para contar sua história, para descrever o que aconteceu com ela. Finalmente, ele percebe que nenhuma língua o permitiria transformar sua história em literatura, revelando que ele estava sofrendo de um “bloqueio

¹¹ “there is no power that is exercised without a series of aims and objectives” (FOUCAULT, 1978, p. 95).

moral”, o que o faz assumir uma abordagem diferente ao escrever uma carta para familiares em Israel, em hebraico (KUCINSKI, 2013, p. 96).

Conforme Schneider e Atencio argumentam, “cultura é uma força entre muitas que influencia como sociedades se lembram de um passado doloroso” (2016, p. 11), conseqüentemente o romance pode ser considerado parte de uma longa lista de produções artísticas criadas na sucessão do regime. Ele expressa um ponto de vista não oficial de alguns dos horrores cometidos pelo regime militar no Brasil e reivindica por justiça e reconhecimento de tais atrocidades. Ao partir da perspectiva de um pai em sua dolorosa busca pela verdade, a memória individual se entrelaça à memória coletiva e a eventos históricos da ditadura civil-militar, funcionando como um mecanismo de prestação de contas que os registros oficiais falharam em ser.

3 Considerações Finais

A verdade sobre o que aconteceu com A. nunca é revelada com clareza no romance, precisando ser inferida pelo leitor conforme as muitas vozes da narrativa contam sua versão da história, ou pelo menos, seu envolvimento com o regime. As vozes de oficiais militares, de uma faxineira da “casa da morte” e da amante do policial mais temido, Fleury explicitam, no entanto, algumas das crueldades do regime, não somente contra seus prisioneiros, mas também contra suas famílias pelas mentiras contadas.

A narrativa não coloca um ponto final na história de A., já que nunca ouve um reconhecimento oficial de sua prisão, tortura e morte. Nunca ouve reparação alguma pelo que aconteceu com ela, a não ser por uma rua com seu nome em um bairro longínquo, onde só se pode chegar depois de passar por largas avenidas e pontes com nomes de generais do regime.

Não tão diferente do que aconteceu na vida real, exatamente o que aconteceu com a verdadeira Ana Kucinski também continua um mistério. Ela e seu marido foram chamados de terroristas fugitivos pelas autoridades do regime quando seus nomes apareciam em relatórios oficiais. Em uma entrevista publicada na revista *Veja* em 1992, “o ex-agente do DOI-CODI Marival Dias Chaves do Canto, [...] afirmou que um agente duplo dentro da ALN chamado João

Henrique Ferreira do Carvalho havia traído Ana Rosa e Wilson” (ROM, 2018, p. 40-41).¹² No entanto, muitas versões contraditórias de seu desaparecimento e morte têm sido fornecidas por fontes distintas como um ex-general, um sargento, um policial e até mesmo um médico que era responsável por auxiliar vítimas depois de sessões de tortura. Declarações variavam desde afirmações de que eles nunca haviam sido presos, passando por confissões de seus corpos terem sido cortados em pedaços e queimados, até acusações de que Ana Kucinski era uma espiã da CIA.

É verdade que A. não foi desaparecida pelo regime por ser judia, mas porque foi vítima de um método orquestrado para eliminar sistematicamente aqueles que fossem considerados inimigos do estado e perigosos para sua manutenção. Apesar disso, suas raízes judaicas são relevantes para a pessoa que ela se tornou, e a identidade judaica - representada no romance através das lembranças do pai, de suas próprias experiências de vida, e de sua dedicação à literatura em ídiche - revelam que ela é também relevante para essa história e para essa família.

Esse é um romance sobre a luta angustiante de um pai para encontrar sua filha no contexto opressivo da ditadura brasileira, mas é também a história de uma família judia já que as referências ao judaísmo estão presentes ao longo de toda a narrativa como símbolos de pertencimento. Como Zepp afirma, “quase nenhuma outra minoria teve que resolver a questão da “identidade” tão urgentemente e de forma tão diferenciada como os judeus” (2) e, no contexto da ditadura civil-militar brasileira, “mesmo enquanto eles lutavam, e em alguns casos morriam, como brasileiros, ao lado de brasileiros de diversas etnias e contextos religiosos, suas histórias também eram histórias judaicas” (ROM, 2018, p. 2).^{13/14} A resistência de K. não se faz apenas pela recuperação do ídiche, mas igualmente pela sua luta contra a ditadura, através da incansável busca pela filha.

Ricoeur afirma que “somente a memória, que se volta novamente, e de forma renovada, para o futuro, que restaura a conexão entre o trabalho de um historiador e a

¹² “the former DOI-CODI agent Marival Dias Chaves do Canto, [...] claimed that a double agent within the ALN named João Henrique Ferreira do Carvalho had betrayed Ana Rosa and Wilson” (ROM, 2018, p. 40-41).

¹³ “hardly any other minority had to solve the question of “identity” as urgently and in as differentiated a manner as the Jews” (ZEPP, 2014, p. 2).

¹⁴ “even as they fought, and in some cases died, as Brazilians, alongside Brazilians of diverse ethnic and religious backgrounds, their story was also a Jewish one” (ROM, 2018, p. 2).

consciência histórica” (RICOEUR, 2011, p. 475-6).¹⁵ Portanto, quando Bernardo Kucinski transforma memórias familiares e uma história pessoal em literatura, ele também resiste à amnésia coletiva da sociedade fazendo com que essa história pessoal seja parte da história como um todo, parte de uma história maior que precisa ser contada e sobre a qual é preciso refletir, para que “a permanência do seu nome no rol dos vivos” não seja “produto do esquecimento coletivo no rol dos mortos” (KUCINSKI, 2013, p. 9).

Referências

“Comissão da Verdade do Estado de São Paulo ‘Rubens Paiva’.” **Testemunhos: Biografia de Ana Rosa Kucinski**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=K4si7aWmBbY. Acesso em: 11 fev. 2018.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism**. Lugar: Verso, 2006.

FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**. Volume I: An Introduction. Trad. Robert Hurley. New York: Pantheon Books, 1978.

GROSSBERG, Lawrence. Identity and Cultural Studies: Is That All There Is? *In*: HALL, Stuart; DU GAY, Paul. **Questions of cultural identity**. London: Sage Publications, 1990. p. 87-107. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781446221907.n6>

HALL, Stuart; DU GAY, Paul. **Questions of Cultural Identity**. London: Sage Publications, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. **K. Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LESSER, Jeffrey. (Re)creating ethnicity: Middle Eastern immigrations to Brazil. **The Americas**, Cambridge, v. 53, n. 1, p. 45-65, jul. 1996. DOI: <https://doi.org/10.2307/1007473>

RICOEUR, Paul. Memory, history, forgetting. *In*: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. **The collective memory reader**. London: Oxford University Press, 2011. p. 475-480.

ROM, Michael. Dare to fight, dare to Win: Brazilian Jews in the armed struggle against military rule. *In*: ROM, Michael. **Brazilian Belonging: Jewish Politics in Cold War Brazil, 1945-1985**. Dissertação (Doutorado em História) – Yale, 2018.

SCHNEIDER, Nina; ATENCIO, Rebecca J. Reckoning with dictatorship in Brazil: the double-edged role of artistic-cultural production. **Latin American Perspectives**, Sage Journals, p. 1–17, 2016. DOI: 10.1177/0094582X16647715

¹⁵ “it is only memory, which turns again, and in a renewed way, to the future, that restores the link between the work of the historian and historical consciousness” (RICOEUR, 2011, p. 475-6).

TRUZZI, Oswaldo. The right place at the right time: Syrians and Lebanese in Brazil and the United States, A comparative approach. **Journal of American Ethnic History**, Illinois, v. 16, n. 2, p. 3-34, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: HALL, S.; SILVA, T. T. da; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 7-72.

YUVAL-DAVIS, Nira. Belonging and the politics of belonging. **Patterns of Prejudice**, London, v. 40, n. 3, p. 197-214, 5 Aug. 2006. DOI: 10.1080/00313220600769331

ZEPP, Susanne. **An early self**: Jewish belonging in romance literature, 1499-1627. Trad. Insa Kummer. California: Stanford University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvqr1fbw>

Recebido em: 28.10.2019

Aprovado em: 20.02.2020